

A importância do afeto na relação aluno/professor e no ensino aprendizagem

The Importance of Affection in the Student/Teacher Relationship and in Teaching and Learning

Zilda de Oliveira¹
Henrique López²

29

Resumo: A afetividade desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem da educação básica, uma vez que a relação entre professor e aluno tem um impacto direto no conhecimento adquirido. No entanto, essa dimensão muitas vezes é negligenciada nas escolas, resultando em uma aprendizagem desconectada das experiências dos estudantes. O objetivo deste estudo é destacar a importância do afeto nesse processo, abrangendo o cotidiano do educador e do estudante no ambiente escolar, bem como as possíveis relações afetivas na sala de aula. Ao ingressar na escola, o aluno traz consigo uma bagagem de conhecimento materno que pode ter um impacto significativo nos seus aspectos cognitivos. A escola deve proporcionar ao aluno um ambiente que fomente a reflexão sobre a vida na totalidade, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora. A metodologia utilizada consistiu em uma revisão detalhada da literatura, com critérios específicos de seleção de fontes relevantes sobre afetividade na aprendizagem. A análise sistemática das informações coletadas visa identificar as melhores práticas para uma aprendizagem significativa. Espera-se que esse estudo contribua para uma compreensão mais aprofundada da importância da afetividade nas interações sociais e no processo de aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chaves: Afetividade. Aprendizagem. Relação aluno e professor.

¹ Doutoranda em Ciências da Educação pela UNIVERSIDAD DEL SOL /UNADES – PY. Mestra em Ciências da Educação pela Universidade de Uberaba - MG. Doutoranda em Educação pela Universidad Interamericana (República del Paraguay). Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Ciências Administrativas de Vilhena, (2002), graduação em Ciências Naturais e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso UFMT, (2008), pós-graduação pelas Faculdades Integradas Cândido Rondon, (2003),

² Doutor em ciência da Educação, professor e orientador na Universidad Del Sol – UNADES – Paraguai – PY; E-mail: enriqueledes@hotmail.com

Recebido em 24/03/2024

Aprovado em 02/05/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Abstract: Affection plays a fundamental role in the teaching-learning process of basic education, as the relationship between teacher and student has a direct impact on the knowledge acquired. However, this dimension is often neglected in schools, resulting in learning disconnected from students' experiences. The aim of this study is to highlight the importance of affection in this process, encompassing the daily lives of educators and students in the school environment, as well as possible affective relationships in the classroom. Upon entering school, the student brings with them a baggage of maternal knowledge that can have a significant impact on their cognitive aspects. The school should provide the student with an environment that fosters reflection on life in its entirety, contributing to the development of a critical and transformative consciousness. The methodology used consisted of a detailed literature review, with careful criteria for selecting relevant sources on affection in learning. The systematic analysis of the collected information aims to identify best practices for meaningful learning. It is hoped that this study will contribute to a deeper understanding of the importance of affection in social interactions and the learning process of students.

Keywords: Affection. Learning. Student-teacher relationship.

INTRODUÇÃO

A afetividade desempenha um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem na educação básica. É o vínculo entre o professor e o aluno, tem um impacto direto na aquisição de conhecimento e no progresso da aprendizagem. No entanto, ao analisar esse aspecto nas escolas, percebe-se uma certa aversão a esse elemento no processo educacional, muitas vezes relegado para o cumprimento dos objetivos curriculares (SILVA, 2013).

Na situação em questão, a aprendizagem se torna árdua, uma vez que não há uma conexão entre o conhecimento adquirido e a vivência do estudante, resultando em um aprendizado desvinculado de suas vivências reais. Durante a história da educação, a afetividade não foi amplamente valorizada, mas esteve presente de diversas maneiras ao longo do tempo. Desde a antiguidade, a educação está associada à formação do caráter e da virtude do indivíduo. Alguns filósofos, como Sócrates, Platão e Aristóteles, abordaram temas educacionais em suas obras (PAVIANI, 2017).

Platão, em “A República”, relaciona a afetividade à beleza, sabedoria e justiça, afirmando que, através desses valores, o indivíduo alcançaria a felicidade no mundo das ideias (PLATÃO, 2008). Na Idade Média, a afetividade era considerada uma ameaça à moralidade e, conseqüentemente, reprimida e controlada. No iluminismo, os filósofos enfatizavam que a razão era mais importante do que as emoções.

Aranha (1996) salienta que, naquele período, a educação era de responsabilidade do Estado, sob uma perspectiva laica, com prioridade para práticas, técnicas e ofícios, com pouca

ênfase nos estudos humanísticos. As teorias psicológicas começaram a influenciar o ensino no século XX, reformulando algumas concepções sobre a afetividade. Os autores Piaget (1990), Wallon (2008) e Vygotsky (2010) destacaram a relevância da emoção no processo de aprendizagem, reconhecendo sua influência na aquisição de conhecimentos, na construção de saberes e nas interações sociais.

De acordo com Wallon (2008), a afetividade desempenha um papel crucial na formação da inteligência, determinando os anseios e anseios individuais do indivíduo. É importante destacar o papel crucial das emoções na constituição da vida psicológica, servindo como uma conexão entre o social e o individual.

A educação não é um desafio, mas sim um suporte promissor para o crescimento intelectual e social do aluno. As relações afetivas são uma boa forma de aprender. As ligações afetivas são perceptíveis, pois a transmissão de conhecimento requer uma interação entre as pessoas. Dessa forma, nos relacionamentos entre professor e aluno, o afeto está presente (ALMEIDA, 1999).

O objetivo deste estudo é destacar a importância do afeto nesse processo, abrangendo o cotidiano do educador e do estudante no ambiente escolar, bem como as possíveis relações afetivas na sala de aula. A metodologia deste estudo fundamentou-se em uma revisão minuciosa da literatura sobre o tema da afetividade no processo de aprendizagem significativa. Os critérios para seleção dos artigos e fontes abarcam a relevância da temática. Foram considerados artigos de revistas científicas, conferências, livros, artigos, dentre outros.

As pesquisas foram conduzidas em bases científicas reconhecidas, tais como o SciELO, Google Scholar e banco da Capes, utilizando descritores específicos, como “afetividade”, “aprendizagem”, “práticas pedagógicas”, entre outros. A análise e síntese das informações coletadas foram realizadas de maneira sistemática, visando identificar tendências, lacunas de conhecimento e melhores práticas para uma aprendizagem significativa (GIL, 1999).

Este estudo é justificado pela relevância da afetividade no ensino-aprendizagem e pelos desafios relacionados às emoções de alunos e professores. Para um desenvolvimento promissor, é indispensável satisfazer a criança, envolvendo carinho, afeto e amor. O docente é encarregado de incorporar essas perspectivas em seu processo de ensino e fomentar uma educação humanizada e inclusiva (GALVÃO, 1995).

Se um estudante se sentir amado e acolhido, ele terá mais chances de assimilar o conteúdo e depositar confiança no professor. De acordo com Arantes (2002), a inteligência e a afetividade estão intimamente relacionadas: o desenvolvimento da afetividade depende das

construções que a inteligência realiza, e vice-versa. Por meio, deste artigo espera-se obter uma compreensão da relevância da afetividade nas interações sociais e no processo de aprendizagem do estudante.

Afetividade no contexto educacional e na psicologia

A Segundo Gazzotti (2019), é importante entender como a afetividade afeta o desenvolvimento infantil e ao investigar as ligações afetivas estabelecidas nas relações entre educadores e alunos no ambiente escolar. Afeto nas interações educativas é um tema estudado na Psicologia Escolar. É notório que a mediação realizada pelo educador em sala de aula pode motivar ou desmotivar o processo de ensino-aprendizagem. Sob uma perspectiva mais ampla, onde a cognição e a afetividade não podem ser separadas, os sentimentos e as emoções não são considerados elementos independentes do contexto escolar.

Assim, é crucial compreender os conceitos-chave de afetividade, emoção e sentimento na teoria walloniana do desenvolvimento. Na perspectiva de Wallon (1968), a criança percorre diferentes domínios funcionais em seu desenvolvimento, incluindo a afetividade, sendo a capacidade dos indivíduos de serem afetados pelo mundo, seja de forma interna ou externa, por meio de reações biofisiológicas às sensações que este desperta o ser.

A afetividade resulta da interação de fatores orgânicos e sociais, e Wallon (1968) a divide em três frações: (I) emoção; (II) sentimentos; e (III) paixão. Cada uma dessas frações ativa um domínio funcional, envolvendo aspectos físicos e socioculturais.

A emoção, sob a perspectiva walloniana, é entendida como uma expressão física (corporal, motora) da afetividade, representando sua exteriorização. De acordo com Mahoney e Almeida (2007), a emoção é um elemento que possui um poder expressivo, que pode ser sentido e que pode ser contagioso. Segundo Wallon (1968), a alternância entre a emoção e a cognição influencia o desenvolvimento cognitivo do sujeito.

O sentimento está relacionado ao pensamento simbólico e representacional, sendo a linguagem essencial para sua expressão. O sentimento é expresso através da linguagem, utilizando expressões semânticas como afeto, ódio e raiva, sem a necessidade de experimentar essas sensações imediatamente.

A paixão é uma área cognitiva mais sofisticada, que requer o controle de comportamento e reações em relação ao contexto, a fim de atender às demandas emocionais. De acordo com Wallon (1975), a afetividade é a capacidade de ser afetada pelo contexto histórico-cultural. A

emoção refere-se às sensações provocadas pelo afeto. Os sentimentos são a representação simbólica dos sentimentos e a paixão está relacionada ao controle cognitivo.

As relações estabelecidas no ambiente escolar são marcadas por fortes emoções, sendo de suma importância salientar o impacto das ações do educador na relação do educando com o conhecimento. Conforme Leite e Tassoni (2013), a afetividade desempenha um papel crucial na educação. A prática pedagógica do professor tem um impacto direto no aprendizado dos alunos e na sua relação com o conhecimento. Os alunos interpretam as ações dos professores e atribuem significados afetivos à própria experiência de aprendizagem, bem como ao conhecimento adquirido.

A afetividade é tão relevante nos processos de ensino-aprendizagem que agora é integrada ao currículo nacional. A Base Nacional Comum Curricular reconhece as emoções como parte do processo de aprendizagem e desenvolvimento, incluindo-as como elementos fundamentais dos campos de experiência na Educação Infantil. Esse documento salienta a relevância das relações interpessoais e das emoções que surgem delas (BRASIL, 2018).

As crianças desenvolvem a identidade através da interação com outros indivíduos, assim percebem a diversidade de perspectivas existentes. As primeiras experiências com outras pessoas as fazem se sentirem únicas e importantes. A Educação Infantil é crucial para o processo de contato com diferentes grupos sociais, culturas e modos de vida (BRASIL, 2018).

Este entendimento estabelece uma ligação direta com os conceitos de internalização das funções psicológicas superiores apresentados por Vygotsky (2009). Wallon (1975) enfatiza a importância da interação para o eu psíquico, destacando a criança como um ser cognitivo-afetivo-motor inserido em um contexto sociocultural.

Sendo assim, é crucial reconhecer a interação entre os indivíduos como um fator crucial no desenvolvimento psicológico e no desenvolvimento do conhecimento, conforme a proposta apresentada por Wallon e Vygotsky. A afetividade tem um papel fundamental nesse processo, influenciando diretamente como as pessoas percebem a si mesmas e os outros, e como criam significados a partir de suas experiências sociais (WALLON, 1975; VYGOTSKY, 2009)

A importância do afeto no contexto familiar e no âmbito escolar

A família brasileira, assim como a sociedade, é afetada por diversas transformações históricas e culturais, seguindo uma estrutura hierárquica. No entanto, com as mudanças, as famílias estão se separando e comprometendo os laços de amizade entre os pais e os filhos.

De acordo com Lobo (2003), a família retomou sua função de grupo unido por desejos e vínculos afetivos, em uma união de vida. O princípio da afetividade, que estabelece a igualdade entre irmãos biológicos e adotivos, promove a igualdade entre os irmãos. Compromete-se com seus direitos fundamentais e aprimora a recíproca, que não pode ser prejudicada por interesses financeiros. Portanto, o afeto é de grande importância no progresso físico e mental de uma pessoa, e essencial para sua formação como cidadão.

O princípio da afetividade é uma das diretrizes fundamentais da dignidade da pessoa humana, conforme o disposto no artigo 1º, III, do texto constitucional. O artigo 3º, I, é sobre a solidariedade e a igualdade entre os membros da família, não sendo somente a biológica (BRASIL, 1916).

A dignidade humana está intimamente ligada aos aspectos emocionais e afetivos. No entanto, a falta de afeto pode conduzir a um comportamento antissocial e a traumas, sendo, em alguns casos, necessário o acompanhamento psicoterapêutico para a restauração da história de vida.

De acordo com Periotto (2009), o afeto é compreendido como uma estratégia política que visa à sobrevivência do indivíduo. Os indivíduos, em particular os jovens, são dignos de respeito, além de leis, para evitar privilégios obscuros e garantir que elas sejam cumpridas em prol de todos. A pedagogia do afeto está presente em nossas vidas, por meio do afeto que se dedica aos filhos, e também no ambiente escolar, pelos educadores.

Para uma abordagem mais eficaz da aprendizagem, é essencial compreender a interação entre afetividade e cognição. De acordo com Vygotsky (1983), a afetividade tem um impacto significativo na inteligência e no progresso da humanidade, abrangendo aspectos emocionais, sociais, nas interações entre indivíduos e, sobretudo, na aprendizagem. Por isso, é importante entender como as emoções e os sentimentos afetam a educação.

Galvão (2003) salienta a distinção entre emoção e afetividade, uma vez que a última é um conceito que abrange diversas manifestações da vida afetiva. Sendo assim, compreender a complexidade da afetividade é crucial para criar um ambiente educacional propício ao crescimento integral do indivíduo.

O papel do educador é crucial nesse contexto, Freire (1983) aponta que o professor tem um papel fundamental na afetividade do aluno, e a qualidade do diálogo pode aproximá-los, criando um vínculo inseparável. Sendo assim, o professor deve estar atento não apenas ao aspecto cognitivo, mas também ao emocional, para estabelecer uma relação de confiança e empatia com os alunos.

Além disso, Vygotsky (1983) salienta que as emoções devem ser o fundamento do processo educacional. A integração das emoções no ambiente escolar deve ser feita para aprimorar a aprendizagem dos estudantes. É crucial que o professor esteja atento ao aluno, avaliando-o e buscando compreender seus valores. Essa sensibilidade permite ao professor compreender os estágios da criança e desenvolver estratégias para um ensino-aprendizagem melhor.

Promover atividades dinâmicas, que envolvam a participação ativa do aluno, pode gerar resultados surpreendentes. Como apontado por Vygotsky (2003), se queremos que os alunos se lembrem melhor ou exercitem mais o pensamento, devemos incentivar as atividades emocionalmente. A experiência e a pesquisa mostram que eventos carregados de emoção são lembrados de forma mais sólida e duradoura do que aqueles que não têm esse estímulo emocional.

É importante que cada comunicação com o aluno promova os seus sentimentos, reconhecendo que a emoção não é tão relevante quanto o pensamento no processo educativo (VYGOTSKY, 2003). Quando o professor usa emoções para ensinar, pode criar um ambiente mais favorável para aprender de verdade.

A afetividade na relação professor aluno

O ambiente escolar é um dos principais ambientes de convívio, socialização e aprendizagem para as crianças. A dinâmica anteriormente caracterizada por uma abordagem tradicionalista, com o professor sendo o único responsável, sofreu uma grande alteração. Atualmente, os estudantes e os professores têm uma relação mais afetuosa e colaborativa.

Na educação, a relação entre professor e aluno é constante e fundamental. O docente desempenha um papel de destaque na vida do estudante, sendo um personagem marcante, conforme afirma Freire (1996). Sem importar o estilo do professor, seja autoritário, licencioso, competente, amoroso ou qualquer outro, deixa a sua marca no aluno.

Na educação infantil, essa conexão se torna ainda mais crucial, uma vez que os estudantes demandam mais afeto e afetividade. De acordo com Aquino (2010), a qualidade da relação entre o professor e o aluno interfere diretamente no processo de aprendizagem. Uma relação positiva aumenta a chance de um melhor desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes.

É imprescindível que o profissional da educação reflita sobre o ambiente educacional contemporâneo para compreendê-lo adequadamente. O educador não deve presumir que detém todo o conhecimento, mas sim buscar aprender com seus alunos, incorporando suas diversas perspectivas e experiências. Esta prática, embora simples, pode fortalecer a relação entre professor e aluno, promovendo maior confiança para a participação nas atividades escolares.

Conforme Brait (2010), quando o processo de aprendizagem é conduzido de forma atrativa, para que os alunos se sintam parte das estratégias motivacionais empregadas em sala de aula. Para ter sucesso com os alunos, o professor deve despertar a curiosidade, o prazer pelo aprendizado e a vontade de buscar novos conhecimentos durante as atividades pedagógicas.

É crucial que o professor se atente às necessidades individuais, evitando impor o seu conteúdo e procurando transmitir o conhecimento de forma comprometida e concreta. O processo de aprendizagem envolve dois protagonistas, o ensinante e o aprendente, e estabelece-se um vínculo entre ambos. De acordo com Fernández (1991), aprendemos não com qualquer um, mas sim com aqueles em quem depositamos confiança e autoridade para nos ensinar.

Os docentes desempenham um papel semelhante ao de um espelho para os estudantes, que avaliam atentamente suas ações em sala de aula. A educação deve ser considerada uma forma de arte, e ser um educador não é apenas uma profissão, é um compromisso estendido ao aluno. De acordo com Almeida (1999), as conexões afetivas são evidentes, a transmissão de conhecimento requer uma interação pessoal, na qual o afeto desempenha um papel crucial na interação.

É importante que o professor e o aluno falem claramente, para o aprendizado ser mais fácil. De acordo com Brait (2010), não é possível conceber um processo de ensino/aprendizagem eficaz se persistirmos na estigmatização do conhecimento. Para Giusta (2013), a noção de aprendizado decorre de pesquisas empiristas em Psicologia, que fundamentam a ideia de que todo conhecimento decorre da experiência. Isso implica considerar o sujeito como uma tábula rasa, uma superfície maleável, na qual as impressões do mundo se conectam, resultando no conhecimento formado a partir da observação dos fatos e se resume a uma simples reprodução da realidade.

Dessa forma, percebe-se que o processo de ensino-aprendizagem é centrado na figura do professor, que ensina e decide, e o aluno replica e executa, sendo meros receptores das informações que serão memorizadas. Contudo, surgem outras abordagens que abordam o trabalho colaborativo de ensino-aprendizagem. As contribuições de Piaget em relação à

investigação da formação e ao desenvolvimento do conhecimento demonstram a interrelação entre o sujeito e o objeto.

Giusta (2013) diz que, para Piaget, o conhecimento é uma relação de sujeito-objeto, onde os dois elementos se complementam, formando um todo único. As ações do sujeito sobre o objeto são recíprocas, o ponto de partida é a interação de ambos.

Diante dessa perspectiva, é possível supor que o conhecimento advenha do indivíduo ou é aprendido através da interação social, indicando que o ser humano constrói seu saber ao interagir com outros. A aprendizagem é uma construção na qual o aluno age, formula e reflete, que ocorre coletivamente. Morales (2006) diz que não existe um educador perfeito. Há muitas maneiras de ser um bom professor, como se relacionar com os alunos e influenciar os alunos.

Dessa forma, é possível notar que o bom relacionamento entre o professor e o aluno é uma das principais características da aprendizagem. Não há um educador ideal, mas aquele que interfere positivamente e se torna uma recordação para muitos alunos no processo de construção do conhecimento. A relação professor-aluno, como observado, é de parceria e não implica na imposição autoritária do professor sobre o aluno, com o educador assumindo o papel de mediador da aprendizagem.

Os gestores na construção de um ambiente afetivo

A gestão escolar, regida pelos princípios democráticos, é a responsabilidade compartilhada por diversos elementos da comunidade educativa. A direção, a supervisão, a orientação, os professores e os setores, incluindo a família, exercem diferentes papéis que interferem nas relações afetivas na escola.

Essa gestão, pautada na importância da participação consciente das partes interessadas nas decisões relacionadas à orientação, organização e planejamento do trabalho escolar, articula os processos internos da instituição. O processo é conduzido por uma equipe de gestão educacional, para fomentar a democratização com a participação responsável de todos os membros da comunidade escolar e da sociedade civil (LÜCK, 2006).

Os líderes da escola são aqueles que coordenam, organizam os processos internos, mantêm atualizados, são éticos e sabem lidar com problemas. Uma gestão educacional de qualidade deve transformar conflitos em oportunidades para a construção de um ambiente reflexivo e participativo, onde os sentimentos, emoções e valores são considerados objetos de conhecimento. A gestão desencadeia uma visão ampla e integrada, resultando em ações mais

coerentes (LÜCK, 2006). A gestão escolar requer uma relação fundamentada no respeito mútuo e na confiança, de forma que os interesses individuais sejam considerados

De acordo com Paulo Freire (1999), o processo de educar é facilitado pelo amor, cuidado, carinho, segurança e limites. Ao respeitar as diferenças, é possível ter um impacto benéfico na vida de cada um, tanto na vida pessoal quanto na cognitiva. O afeto é indispensável para a aprendizagem, pois é ele quem registra mensagens e direciona o organismo.

Do ponto de vista da educação, para Heidrich (2009) é crucial reconhecer que um aluno que não demonstra interesse pelo ambiente escolar tende a não construir conhecimento. A gestão educacional eficaz promove relações positivas entre todos os envolvidos no processo de aprendizagem. É essencial que os gestores estejam cientes disso, atuando como articuladores do processo de ensino e fornecendo o suporte necessário aos docentes e à coordenação pedagógica. Participar de reuniões de aprimoramento e acompanhamento é crucial, contribuindo para a solução dos obstáculos enfrentados em sala de aula.

De acordo com Lück (2006), a eficiência de uma equipe depende da capacidade de seus membros trabalharem juntos, mobilizando seus conhecimentos, habilidades e atitudes em prol de objetivos em comum. Isso ressalta a importância da liderança dos gestores no desenvolvimento dessa capacidade colaborativa. Sendo assim, a atuação em grupo é indispensável para a obtenção de uma educação de excelência, onde todos os membros da equipe interagem e complementam-se na responsabilidade de educar.

Além disso, o coordenador pedagógico tem um papel crucial na formação de professores e na promoção da afetividade na escola. A sua responsabilidade vai além dos aspectos burocráticos, englobando o aprimoramento da metodologia de ensino e a garantia do progresso constante dos estudantes (HEIDRICH, 2009)

Krausz (2008) enfatiza a relevância da colaboração e cooperação no contexto educacional, salientando que essa capacidade é indispensável não somente para os professores, mas para toda a equipe escolar, incluindo funcionários, pais, alunos e equipe diretiva. A capacitação educacional é fundamentada na colaboração de todos os envolvidos.

Diante das diversas informações sobre aprendizagem, é relevante refletir sobre o papel do gestor, como elo entre esses acontecimentos. A escola tem como função fomentar o envolvimento do indivíduo na jornada incessante de desconstrução e reconstrução, no campo do pensamento e dos procedimentos subjacentes à vida diária (AQUINO, 2000)

É perceptível que a escola deve oferecer métodos variados para essa incessante busca pelo conhecimento, que implica na desconstrução e reconstrução do saber. Os conhecimentos

que adquirimos são, constantemente, transformados em novos, num ciclo contínuo ao longo de nossas existências.

Como destaca Aquino (2000), é necessário reinventar continuamente os conteúdos, as metodologias, as relações e o cotidiano. O gestor é indispensável para a construção do conhecimento, requerendo reflexão e ação, tendo em vista o aluno que se tem e o cidadão que se deseja formar, além de rever os conteúdos e as metodologias.

Essa reflexão parte da construção do plano político-pedagógico, realizado de forma conjunta e coordenada, que, segundo Gadotti (2000), a autonomia e a gestão democrática da escola fazem parte da própria natureza do ato pedagógico. Na gestão democrática, os pais, os professores, os alunos e os funcionários são responsáveis pelo projeto da escola, não apenas como fiscalizadores, mas também como dirigentes e gestores.

A partir dessa definição, é iniciado o processo de criação de saberes essenciais para cada contexto escolar. O projeto pedagógico orienta os conhecimentos a serem desenvolvidos, considerando as realidades presentes. O planejamento e a organização do tempo pedagógico, os conteúdos, as metodologias e as normas devem estar conforme a proposta pedagógica da instituição, sob a supervisão atenciosa dos gestores.

Considerações finais

A relevância da afetividade no contexto educacional é inquestionável, desde a antiguidade até hoje, tem sido reconhecida como um elemento crucial no processo de aprendizagem. Este estudo, ao revisar a literatura sobre o tema, reforça essa ideia, destacando como a afetividade permeia as interações sociais e influência diretamente a construção do conhecimento.

Ao longo da história, vemos que a afetividade foi muitas vezes subestimada ou até reprimida, mas sua importância nunca foi esquecida. Teóricos contemporâneos, como Wallon e Vygotsky, aprofundaram essa compreensão, enfatizando que as emoções e os afetos têm um papel crucial na formação da inteligência e na aprendizagem significativa.

No ambiente escolar, a afetividade se manifesta nas relações entre professores e alunos, influenciando diretamente o sucesso acadêmico e o desenvolvimento pessoal dos estudantes. É por meio do afeto, do cuidado e da empatia que os professores criam um ambiente propício ao aprendizado, onde os alunos se sentem motivados e confiantes para explorar novos conhecimentos. Portanto, o gestor está intimamente envolvido com a construção do

conhecimento e atento às dificuldades e necessidades de todo o grupo. Além disso, é crucial estar informado sobre a legislação educacional e promover formação e informação para toda a comunidade escolar.

Sendo assim, é crucial que os educadores e gestores reconheçam a relevância da afetividade em suas práticas pedagógicas, buscando estabelecer relações afetivas positivas com os alunos e promovendo um ambiente de aprendizagem acolhedor e inclusivo. Só assim, podemos melhorar o ensino-aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- AQUINO, J. G. Do **Cotidiano Escolar**: Ensino sobre e ética e seus avessos. São Paulo: Summus Editorial, 2000.
- ARANHA, M. L. A. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BASTOS, Clecia Rosas Brito et al. As brincadeiras como práticas lúdicas nos anos iniciais do ensino fundamental: contribuições à luz da teoria de Piaget e Vygotsky. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 41, n. 1, p. 462-485, 2023.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916**. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil.1916
- DA SILVA GONCALVES, Maria Célia. O uso da metodologia qualitativa na construção do conhecimento científico. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 10, p. 199-203, mar. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 5 abr. 2024.
- DE SOUSA, Maria do Bonfim Soares. A INFLUÊNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA COGNIÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma lacuna na pesquisa contemporânea. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 16, n. 1, p. 564-579, 2024.
- DO CARMO, Walkiria Batista. Competências Socioemocionais na Escola: Incertezas e Desafios. **Altus Ciência**, v. 17, n. 17, p. 36-48, 2023.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação Vol.1

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6ª ed. Ed. Paz e Terra. São Paulo – SP, 1999.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

GALVÃO, I. Henry **Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção Educação e Conhecimento)

GAZZOTTI, Daniele. **Afetividade, emoção e vínculo nas relações escolares: uma perspectiva histórico cultural**. São Paulo, 2019.

GIMÉNEZ, Mercedes Blanchard et al. Afetividade na educação infantil: um estudo de caso à luz de Paulo Freire, Piaget e Wallon. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 32, n. 1, p. 245-258, 2021.

GIUSTA, Agneta da Silva. **Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas**. Educ. rev. Belo Horizonte. 2013.

HEIDRICH, G. Os caminhos para a formação de professores. **Rev. Nova Escola**, [S.l.], 2. ed., 2009.

KRAUSZ, R. **O poder nas organizações**. São Paulo: EPU, 1991.

LEITE, S.A.S; TASSONI, E.C.M. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. **Educação**, v. 36, n. 2, 2013, p. 262-271.

LÔBO, P. L. N. **Código Civil Comentado. Direito de Família**. Relações de Parentesco. Direito Patrimonial (Coordenador Álvaro Villaça Azevedo). São Paulo: Atlas S.A., 2003, p. 40. V. XVI.

LÜCK, H. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MAHONEY, A.A. & ALMEIDA, L.R. A dimensão afetiva e o processo de ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, L.R.; MAHONEY, A.A. (Orgs.) **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007, p.15-23.

MORALES, Pedro. **Relação professor-aluno: o que é, como se faz**. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

PERIOTTO, S. **Manual da Pedagogia do Afeto e Pedagogia do Cidadão Ecumênico**. São Paulo: Editora Elevação, 2009.

PIAGET, J. **A formação do símbolo da criança: Imitação, jogo e sonho, imitação e representação**. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: UNESP, 2008.

RAMINHO, E. G.; GONÇALVES, M. C. da S.; FURTADO, A. C. Contribuições da formação para os saberes do professor do século XXI: Um projeto a ser discutido. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. esp.1, p. e023014, 2022. DOI: 10.30612/eduf.v12in.esp.1.17109. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/17109>. Acesso em: 05 abr. 2024.

RAMINHO, Edney Gomes; DA SILVA GONÇALVES, Maria Célia; SÍVERES, Luiz. A relevância da interatividade pelo lúdico no processo de ensino e aprendizagem da leitura. **Revista Nova Paideia-Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, p. 20-33, 2023.

SANTOS, Ana Rachel Pires Cantarelli; DA SILVA GONÇALVES, Maria Célia. Profissão Docente: múltiplas facetas e desafios na mobilização e valorização dos saberes. **ALTUS CIÊNCIA**, v. 17, n. 17, p. 423-438, 2023.

SILVA, N. A. **A importância da afetividade na relação professor-aluno**. 2013. 44 f. TCC (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.